

No contexto escolar

A inclusão de crianças atípicas no ambiente escolar ainda escancara desigualdades importantes entre o ensino público e o privado no Brasil, diferenças que vão além da estrutura física e chegam à formação dos profissionais, ao suporte pedagógico e à própria concepção de inclusão. Na rede particular, de modo geral, há maior disponibilidade de recursos, equipes multidisciplinares e possibilidade de adaptação individualizada do ensino. Já na rede pública, embora existam avanços e profissionais comprometidos, a realidade costuma ser marcada por limitações estruturais e escassez de formação específica.

Na prática, como explica a coordenadora Aline Brito, do Colégio Sigma, a socialização de uma criança atípica exige intencionalidade, mediação e, principalmente, vínculo. “Mais do que colocar a criança em grupo, é fundamental que ela se sinta pertencente.” Esse processo passa por conhecer o aluno, compreender suas formas de comunicação e criar estratégias que facilitem sua participação nas interações cotidianas.

Por outro lado, a pedagoga Letícia de Oliveira Lima, que atua na rede pública, revela uma realidade mais desafiadora e, muitas vezes, imprevisível. “A prática é sempre uma surpresa”, afirma, ao relatar que fatores externos, como rotina em casa ou privação de sono, interferem diretamente no comportamento e na aprendizagem dos alunos.

Dentro da sala, o professor precisa lidar simultaneamente com as demandas individuais e coletivas, o que nem sempre permite oferecer a atenção necessária a todos. Essa sobrecarga gera frustração nos educadores, que se veem responsáveis pelo desenvolvimento da criança, mas sem o suporte adequado para atender às suas necessidades específicas.

Outro ponto de divergência está na estrutura e nos recursos disponíveis. Enquanto escolas privadas costumam investir em adaptações pedagógicas, materiais específicos e ambientes para lidar com questões sensoriais, a rede pública ainda enfrenta carências básicas. Além disso, a presença de profissionais de apoio nem sempre é garantida.

Apesar das diferenças, há também pontos de convergência que mostram caminhos possíveis. A construção de um ambiente inclusivo passa, inevitavelmente, pela formação continuada dos professores, pelo fortalecimento da parceria com as famílias e por uma

Fotos: Divulgação



TEA nas telas

Atypical (Netflix)

- Ao acompanhar a jornada de Sam em busca de independência e afeto, a série revela que o autismo não afeta apenas quem está no espectro, mas toda a dinâmica familiar. Entre desafios e descobertas, a trama constrói um retrato delicado sobre autonomia e pertencimento.



Uma advogada extraordinária (Netflix)

- Com inteligência afiada e um olhar único sobre o mundo, a protagonista enfrenta não apenas casos jurídicos complexos, mas também as barreiras sociais do cotidiano. A produção destaca como inclusão vai além da capacidade técnica, exigindo empatia e adaptação.



Rain Man (Prime Video)

- Mais do que uma disputa por herança entre irmãos, um deles dentro do espectro, o filme se transforma em uma jornada de reconexão. Ao longo da estrada, o que começa como interesse se converte em afeto.



Flutuar (Disney+)

- Em poucos minutos, a animação aborda o medo do julgamento e o peso das expectativas sociais. A história de um pai e seu filho revela que aceitar as diferenças é também um processo de aprendizado e, sobretudo, um ato de amor.

mudança de mentalidade. Incluir não é apenas permitir que a criança esteja na escola, mas garantir que ela participe, aprenda e se sinta parte do grupo.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal afirma que tem ampliado as políticas públicas voltadas à inclusão de estudantes com TEA. Entre as principais iniciativas está o Atendimento Educacional Especializado (AEE), oferecido no contraturno escolar. A pasta também destaca a atuação do Observatório da Educação Inclusiva e Integral, responsável por monitorar e avaliar as políticas da área, além de projetos como o ENEM Inclusivo, Empregabilidade Inclusiva e Cinema Inclusivo.

Dentro das escolas, o suporte aos alunos ocorre principalmente por meio das Salas de Recursos

Generalistas. A Secretaria explica que “o atendimento é individualizado e usa estratégias pedagógicas diferenciadas e recursos acessíveis, com foco no desenvolvimento da autonomia, comunicação, interação social e aprendizagem”. A proposta é garantir que professores do ensino regular e do atendimento especializado atuem de forma integrada, promovendo inclusão em igualdade de condições.

A formação de professores também é apontada como uma das frentes de atuação. De acordo com a pasta, há programas contínuos de capacitação desenvolvidos pelo Núcleo de Aperfeiçoamento da Educação Inclusiva e Integral, em parceria com a Escola de Formação de Profissionais da Educação.